

# Literatura e história da educação: representações do professor na ficção brasileira

---

Regina Zilberman

## Resumo

Dois filmes recentes, *Central do Brasil* e *A vida é bela*, elegeram professoras para protagonizarem a narrativa cinematográfica. A escolha decorreu em parte da circunstância de ser a professora uma figura capaz de transitar entre contextos sociais diferentes, possibilitando sua representação ficcional. Enquanto personagem, professor e professora frequentaram com assiduidade a ficção brasileira, aparecendo em autores como Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, José de Alencar, Adolfo Caminha, Mário de Andrade, Cyro dos Anjos, Graciliano Ramos e Monteiro Lobato. A representação da figura do professor, verificável em obras dos escritores mencionados, aponta para o modo como a sociedade entende e idealiza o docente, tanto no masculino, quanto no feminino. Faculta, pois, compreender os mecanismos ideológicos que reservam ao magistério um determinado lugar social e o exercício de uma prática, atividade esta nem sempre apreciada por seus usuários.

**Palavras-chave:** representação do professor; prática docente; escola.

## Abstract

Two recent movies, *Central Station* and *Life is Beautiful*, have elected female teachers to be protagonists of the cinematographic narrative. This choice is partly due to the fact that the female teacher is a figure who is able to move between different social contexts, hence she allows their fictional representation. As characters, male and female teachers have assiduously frequented Brazilian fiction, and have appeared in authors such as Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, José de Alencar, Adolfo Caminha, Mário de Andrade, Cyro dos Anjos, Graciliano Ramos and Monteiro Lobato. The representation of the teacher figure verified in works by the authors mentioned points to the way in which society understands and idealizes teachers, either in the masculine, or in the feminine. It promotes, therefore, the comprehension of the ideological mechanisms that provide teaching with a determined social place and the exercise of a practice, an activity which is not always appreciated by its users.

**Key-words:** teacher representation; teaching practice; school.

*Tudo quanto sei me foi ensinado por vovó, durante as férias que passo aqui. Só vovó sabe ensinar. Não caceteia, não diz coisas que não entendo. Apesar disso, tenho cada ano, de passar oito meses na escola. Aqui só passo quatro...*

Pedrinho, em *Serões de Dona Benta*<sup>1</sup>

Entre fevereiro e março de 1999, duas professoras ocuparam o coração e as mentes dos brasileiros: Dora, a redatora de cartas de *Central do Brasil*, que escolta o menino Josué pelo Nordeste até o encontro da família, e a outra Dora, de *A vida é bela*, que acompanha também um Josué, este filho seu, quando o menino, junto o pai, é conduzido a Auschwitz. O fato de ambas serem professoras marca uma de suas semelhanças; mas as diferenças apontam para a questão principal: a delicada mestra italiana trabalha numa escola convencional, seguidora dos princípios da pedagogia fascista, é a Princesa dos sonhos do protagonista, Guido, com quem casa, e só se depara com dificuldades palpáveis quando o marido é vítima da opressão nazista e anti-semita.

A Dora brasileira parece mais sofrida que a similar italiana, se bem que não passe pela experiência do campo de concentração, até porque, na visão do filme de Roberto Begnini, este lugar de trabalhos forçados não se apresenta como espaço de desumanização e opressão, conforme o descreve Primo Levi em seus relatos autobiográficos.<sup>2</sup> Aposentada, ela não consegue viver da renda de seu antigo serviço; pela Central do Brasil e por seus olhos, passam todos os males da sociedade nacional: o crime institucionalizado, a violência, a infância abandonada, o contrabando de crianças, o isolamento e até a vigarice, a que ela mesma recorre por carecer de meios econômicos de sobrevivência.

O fato de ser escolhida uma professora para sintetizar esse olhar sobre a vida brasileira deve ser significativo. Uma primeira explicação relaciona-se, é claro, ao fato de ela dominar a escrita, habilitando-se a fazer a ponte entre o mundo alfabetizado da correspondência e o dos analfabetos que, contudo, precisam daquele meio para se comunicar e vencer distâncias; assim, ele confunde-se com o instrumento a cujo emprego está qualificada e torna-se proprietária. A escrita converte-se num bem, capital que assegura sua sobrevivência na selva da cidade e na caatinga nordestina.

Uma segunda explicação decorre, provavelmente, de seu lugar social e das representações de que o magistério é objeto no Brasil. Somente uma professora poderia ocupar a posição de passagem entre a elite ilustrada e as camadas populares, porque, de um lado, ela, bem ou mal, exerce o

---

<sup>1</sup> LOBATO, Monteiro. *Serões de Dona Benta*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 199.

<sup>2</sup> Cf. LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

controle sobre um dos aparelhos da cultura – a língua vernácula; de outro, ela está tão depauperada quanto sua clientela, de modo que se aproxima dela, enquanto, ao mesmo tempo, usuária e vítima.

Assim, ela corporifica o espaço transitório tornado característico da categoria profissional vinculada à educação:

- de um lado, móvel, porque seus integrantes podem, circunstancialmente, mesmo que não queiram, escorregar de uma a outra camada, no conjunto da sociedade nacional;
- de outro, mas pela mesma razão, fixo, porque, ao longo de sua trajetória, jamais o magistério conseguiu superar a condição intermediária, perigosamente próxima da pobreza e da desclassificação social, mas utopicamente perto das classes dominantes, de que é formadora, se lembramos que compete ao professor a transmissão de valores socialmente acatados, enquanto um dos veículos dos aparelhos ideológicos de Estado.<sup>3</sup>

A ambigüidade e a ubiqüidade parecem pertencer fisiologicamente à figura do professor. Mesmo a Dora de *A vida é bela* compartilha a natureza dúbia de sua profissão: enquanto membro da *jeunesse dorée* da Toscana, rica porção do norte da Itália, é cortejada por um dos líderes políticos da região; mas, quando desposa o garçom desajeitado e judeu, que sonha ser livreiro e termina dono de papelaria, sofre um rebaixamento que parece colocá-la em seu devido lugar; professora da provavelmente melhor escola da região, não consegue evitar a própria deportação para um campo de concentração que reúne membros da etnia hebraica, à qual não pertence e com que se identifica apenas no plano familiar. Por isso, não apenas em países subdesenvolvidos, onde a desigualdade social é gritante, os professores correspondem a uma camada subalterna, guardiã, contudo, dos melhores valores produzidos pela sociedade burguesa, conforme Althusser denuncia e tanto Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, quanto Bernard Charlot insistem.<sup>4</sup>

Em países como o nosso, por sua vez, a representação fica talvez mais evidente, porque a ela se soma outra peculiaridade: o professor, categoria profissional, corresponde, na prática, à professora, categoria de gênero, e, na passagem do masculino para o feminino, opera-se uma transfiguração do genérico para o particular, com todas suas conseqüências.

<sup>3</sup> Cf. ALTHUSSER, Louis. *Posições* - 2. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

<sup>4</sup> Cf. BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução*: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. E CHARLOT, Bernard. *A mistificação pedagógica*. Realidades sociais e processos ideológicos na teoria da Educação. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

A ficção brasileira, ainda que nem sempre tematize a questão, reforça essa representação, facultando entender suas nuances.

Profissionais do ensino que pertençam ao sexo masculino são poucos e freqüentam sobretudo a literatura do século XIX; sua caracterização pode ser cotejada ao modo como aparecem em relatos de memórias da mesma época. O provavelmente mais antigo deles figura em *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, e caracterizam-no a aparência física desagradável, a desarrumação da sala de aula, a pedagogia apoiada na violência exercida contra as crianças e na repetição de conteúdos:

Era esse um homem todo em proporções infinitesimais, baixinho, magrinho de carinha estreita e chupada, excessivamente calvo; usava de óculos, tinha pretensões de latinista, e dava bolos nos discípulos por *dá cá aquela palha*. Por isso era um dos mais acreditados na cidade. (...) Era um sábado: (...) chegaram os dois exatamente na hora da tabuada cantada. Era uma espécie de ladainha de números que se usava então nos colégios, cantada todos os sábados em uma espécie de *cantochão* monótono e insuportável, mas de que os meninos gostavam muito.

As vozes dos meninos, juntas ao canto dos passarinhos, faziam uma algazarra de doer os ouvidos; o mestre, acostumado àquilo, escutava impassível, com uma enorme palmatória na mão, e o menor erro que algum dos discípulos cometia não lhe escapava no meio de todo aquele barulho; fazia parar o canto, chamava o infeliz, emendava cantando o erro cometido, e cascava-lhe pelo menos seis puxados bolos. Era o regente da orquestra ensinando a marcar o compasso.<sup>5</sup>

O quadro não difere do que desenha Robert Walsh, capelão estrangeiro que escreveu *Notícias do Brasil* (1828 - 1829), quando lembra a visita feita a uma escola, onde "o professor sentava-se numa escrivaninha mais elevada e dirigia a classe com um apito."<sup>6</sup> Dessa mesma estirpe é o professor de Brás Cubas, Lugdero Barata, em cujas memórias participa na condição simultânea de algoz e vítima de meninos indomáveis, como o narrador, que da escola recorda tão-somente a palmatória:

Ó palmatória, terror dos meus dias pueris, tu que foste o *compelle intrare* com que um velho mestre, ossudo e calvo, me incutiu no cérebro o alfabeto, a prosódia, a sintaxe, e o mais que ele sabia, benta palmatória, tão praguejada dos modernos, quem me dera ter ficado sob o teu jugo, com a minha alma imberbe, as minhas ignorâncias, e o meu espadim, aquele espadim de 1814, tão superior

<sup>5</sup> ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Brasília: Editora da Universidade Nacional de Brasília, 1963. pp. 55-56.

<sup>6</sup> WALSH, Robert. *Notícias do Brasil*. Trad. de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1985. p. 135.

à espada de Napoleão! Que querias tu, afinal, meu velho mestre de primeiras letras? Lição de cor e compostura na aula; nada mais, nada menos do que quer a vida, que é das últimas letras; com a diferença de que tu, se me metias medo, nunca me meteste zanga. Vejo-te ainda agora entrar na sala, com as tuas chinelas de couro branco, capote, lenço na mão, calva à mostra, barba aparada; vejo-te sentar, bufar, grunhir, absorver uma pitada inicial, e chamar-nos depois à lição. E fizeste isto durante vinte e três anos, calado, obscuro, pontual, metido numa casinha da rua do Piolho, sem enfadar o mundo com a tua mediocridade, até que um dia deste o grande mergulho nas trevas, e ninguém te chorou, salvo um preto velho, - ninguém, nem eu, que te devo os rudimentos da escrita.<sup>7</sup>

Semelhantes são as lembranças de Visconde de Nogueira da Gama, que se refere ao "professor público João Batista Soares de Meireles, que dava duas dúzias de palmatoadas por uma simples silabada".<sup>8</sup> Ou as de Graça Aranha, que menciona o professor Trajano dos Reis, do Maranhão, "pobre velho", "seco, pequenino", que, "quando aparecia no Canto da Sé, onde o ar se encana, custava a vencer a corrente do vento que o empurrava, o recuava e o fazia dar guinadas ébrias. Das janelas, a criançada gozava o espetáculo e na rua a molecada vinha pateando o ilustre mestre na sua dança quase aérea."<sup>9</sup>

Os mestres citados são, na maioria dos casos, professores de primeiras letras, donos das escolas em que se misturam crianças em graus diferentes de aprendizagem. *Cazuza*, que Viriato Correia publicou em 1938, incorpora um de seus últimos representantes, não menos assustador que os anteriores:

Tentei encarar o professor e um frio esquisito me correu da cabeça aos pés. O que eu via era uma criatura incrível, de cara amarrada, intratável e feroz.

Os nossos olhos cruzaram-se. Senti uma vontade louca de fugir dali. Pareceu-me estar diante de um carrasco.

O Vavá veio sentar-se ao meu lado, como se tivesse medo de ficar sozinho no banco, por trás do meu. O velho João Ricardo ergueu-se subitamente, agarrou-o pela orelha e levou-o de novo ao banco.

O movimento foi tão brutal que o Pedrinho, que estava perto, se espantou, e, com o cotovelo, derramou o tinteiro. O Adão riu. O professor vibrou-lhe a régua na cabeça.

E, daí por diante, não se sentou mais. Pôs-se a passear pela sala, de mãos para trás, vigiando-nos através dos óculos pretos, com o ar

<sup>7</sup> ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Mérito, 1959. p. 60-61.

<sup>8</sup> GAMA, Visconde de Nogueira da. *Minhas memórias*. Paris: Garnier, 1893. p. 118.

<sup>9</sup> ARANHA, Graça. *O meu próprio romance*. São Paulo: Nacional, 1931.

terrível de que está com vontade de encontrar um pretexto para os castigos.<sup>10</sup>

Docentes que atuam nas séries posteriores são encontráveis em *O Ateneu*, de Raul Pompéia, que os divide em dois grupos, os conservadores e autoritários, de um lado, os modernos e liberais de outro, de que é representante o Dr. Cláudio, que leciona literatura e ministra palestras sobre a poética contemporânea e as formas mais adequadas de educação e ensino. A dualidade expressa a experiência do escritor, que, adulto, comenta a qualidade e comportamento do corpo de professores do Colégio de Pedro II, no Rio de Janeiro, onde estudou:

Outro morto: o Dr. João Henrique Braune, também lente do Colégio de Pedro II, em cuja cadeira de Grego lecionava ainda, com a zelosa assiduidade do seu vigor de moço e com a brilhante vantagem de seu talento.

Quem conheceu a doutrina ríspida do falecido Schiefler, antecessor imediato do Dr. Braune na cadeira de Grego, e teve ocasião de apreciar a meiga doçura, o quase carinho do método de ensinar de seu substituto, sabe que amigo perdeu a mocidade com a perda deste mestre... O grande estabelecimento oficial de ensino secundário perdeu também extraordinariamente. O Dr. Braune era uma das mais justas esperanças dessa plêiade de moços, em que se contam os nomes de Capistrano de Abreu, Gama Berquó, Nerval de Gouveia, Sílvio Romero, Raja Gabaglia, ultimamente instalados nas cadeiras do Imperial Colégio para enxertar, no carrancismo daquela instituição, a coragem dos modos novos do pensamento e a liberdade dos métodos modernos, que o antigo pessoal docente, Schiefler, Dragos, Halbouts, sempre detestou e repeliu...<sup>11</sup>

A preferência por converter lentes de literatura em modelos exemplares de exercício do magistério não é exclusiva de Pompéia. Em pleno Modernismo, Cyro dos Anjos cria *Abdias*, o professor que todos desejariam ter. Dentre as figuras citadas, essa personagem consiste o único ser ficcional que ocupa papel nuclear no desenvolvimento do enredo; além disso, acumula a função de protagonista e narrador; por último, é professor de literatura, convidado a lecionar numa escola de qualidade, o Colégio das Ursulinas, "estabelecimento de luxo, fundado adrede para receber moças da alta burguesia."<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> CORREIA, Viriato. *Cazuza*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960. p. 27-28.

<sup>11</sup> POMPÉIA, Raul. *Crônicas*. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; OLAC; Fename - Mec, 1982. p. 281.

<sup>12</sup> ANJOS, Cyro dos. *Abdias*. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1965. p. 2.

Abdias ocupa uma posição privilegiada, complementada pelo fato de lhe competir ministrar disciplina especial, cujo objetivo, de cunho extensionista, é enriquecer o currículo das moças:

[Elas] se formavam cedo demais e com insuficiente preparo. Deixavam o Colégio com quinze ou dezesseis anos e, em geral, ficavam sem o que fazer em casa, até que arranjassem casamento. Com o novo curso, pretendiam as Ursulinas resolver, em parte, esse problema que as mães enfrentavam ao saírem as filhas dos ginásios. Era de dois anos, e proporcionava conhecimentos, mais especializados, de artes e letras. (...) Desejava dar-me a cadeira de literatura portuguesa e brasileira, uma vez que a literatura geral já havia sido confiada ao Professor Silveira.<sup>13</sup>

Dentre os professores representados pela ficção, Abdias constitui, provavelmente, o melhor leitor da literatura brasileira. O curso que desenvolve, de tipo historiográfico, passa pelos grandes nomes da tradição em língua portuguesa, abrindo com o "galante El-Rei D. Denis",<sup>14</sup> autor do século XIV, e encerrando com "uma noção sumária dos modernistas de após-guerra e das tendências da prosa e da poesia contemporâneas".<sup>15</sup> O professor não apenas inova ao valorizar o mais avançado da literatura nacional a seu tempo, quando a escola, convencionalmente, então se estendia no máximo até o Parnasianismo, às vezes até o Simbolismo. Ele ainda motiva as alunas que, ao estudarem, por exemplo, "as figuras femininas da Renascença portuguesa", "se interessaram muito pela matéria e instaram para que eu torne ao assunto na próxima aula."<sup>16</sup>

A caracterização dele, portanto, contradiz os retratos até então esboçados do magistério nacional, mesmo o do bem intencionado Jeremias, protagonista do romance hoje menos conhecido de Léo Vaz, editado em 1921,<sup>17</sup> configurando-se como uma espécie de ideal a que pode chegar o docente brasileiro, no contexto do ensino da literatura. E indica o vetor que leva à concretização da utopia: a passagem pelo mundo da literatura, com estágio na revisão de sua trajetória histórica e paradas obrigatórias no quesito estímulo à leitura, em que Abdias parece ter sido bem sucedido. Nenhum exemplo pode ser mais conveniente à própria literatura enquanto expressão, que manifesta figurativamente o tipo de intermediário de que necessita, para viabilizar sua circulação confortável dentro e fora da escola.

---

<sup>13</sup> Id. p. 3-4.

<sup>14</sup> Id. p. 9.

<sup>15</sup> Id. 61.

<sup>16</sup> Id. p. 33.

<sup>17</sup> Cf. VAZ, Léo. *O professor Jeremias*. 4. ed. São Paulo: Monteiro Lobato & C., 1921.

Uma professora informal parece ter antecipado a representação exemplar sintetizada pelo cordial Abdias: a jovem Berta, protagonista de *Til*, romance regionalista de José de Alencar, publicado em 1872. Ali, a mocinha, que concentra todas as virtudes a que uma senhorita devia aspirar, constitui a única a conseguir alfabetizar o semi-retardado Brás, graças à paciência com que lida com o jovem. A narrativa do processo por intermédio do qual ele assimila a cartilha revela o teor catequético do magistério, que somente alguém vocacionado poderia exercer:

Ao cabo de um mês, conhecia Brás todo o abecedário. Que inauditos esforços de paciência, que sublimes intuições não foram necessárias para vencer esse impossível!

Só Berta o poderia conseguir. A fascinação que exercia sobre o idiota era uma sorte de encanto e magia. Sua vontade movia aquele corpo, como se fosse o espírito que o animava. Brás sentia e pensava unicamente pela alma dela, que lhe transmitia as impressões no olhar carinhoso, na voz suave, no sorriso fagueiro.

Dir-se-ia que se tinha operado a misteriosa transfusão d'alma do anjo na grosseira bestialidade do monstrego.<sup>18</sup>

O avesso desse resultado, poder-se-ia dizer, mágico, é o tratamento que Brás vinha recebendo na escola em que fora matriculado:

Havia em Santa Bárbara uma aula pública de primeiras letras, a qual ainda o vulgo pelo costume antigo tratava de *escola régia*. Servia de mestre um latagão de verbo alto e punho rijo, que fora outrora ferrador e a quem chamavam Domingão.

Fiel às tradições da antiga profissão, entendia ele lá de si para si que um bom processo de ferrar bestas devia de ser por força excelente método de ensinar a leitura e a tabuada: e fossem tirá-lo dessa idéia! Assim encaixava o abecê na cachola do menino com a mesma limpeza e prontidão com que metia um cravo na ferradura. Era negócio de dois gritos, um safanão e três marteladas.

Tal era o professor, a quem incumbia a tarefa de ensinar a ler ao Brás. Depois dos três primeiros dias de indulgência, pôs o ferrador em prática o seu método repentino, que desta vez, com pasmo seu, falhou completamente. (...).

Debalde o Domingão brandiu a pesada palmatória de guarantã, e ferrou um chuva de formidáveis carolos na cabeça do Brás; não conseguiu dele em um mês que repetisse o nome das três primeiras letras.<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> ALENCAR, José de. *Til*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. p. 135.

<sup>19</sup> Id. p. 129-130.

A prática de Domingão não difere substancialmente da que utilizam seus parceiros literários, presentes nas obras de Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis ou Viriato Correia ou que Nogueira da Gama, Graça Aranha e Raul Pompéia não esqueceram. Pode-se cogitar que eles traduziam o comportamento da categoria dos docentes na cidade e no campo, onde a situação devia se agravar, a ponto de um ferrador converter-se em mestre de meninos. Berta, informalmente, contradiz o modelo, mas é fora da sala de aula que dá vazão à sua pedagogia, configurando a informalidade do procedimento e sua idealização.

Mesmo assim, ela não foge a um estereótipo que, na época, estava em processo de formação. Com efeito, a criação dessa personagem coincide com um momento decisivo na história do magistério e da educação brasileira: na década de 70, do século XIX, debate-se a obrigatoriedade do ensino, que tornaria compulsória a frequência à escola pelas crianças, criminalizando os pais que não obedecessem à lei. O decreto que converte a escolarização em atividade a que a infância devia se submeter data de 19 de abril de 1879, assinado por ocasião da reforma educacional promovida por Pedro II, a última do período monárquico.<sup>20</sup> As discussões em torno ao tema incluem uma questão fundamental: cabia preparar professores para se encarregarem do novo contingente de educandos, o que propiciou, de um lado, a expansão das escolas de magistério e, de outro, a opção pela mulher enquanto pessoa mais adequada ao exercício da função que emergia.<sup>21</sup>

A adequação revelada por Berta, bem sucedida ao enfrentar uma situação pedagógica peculiar, a saber, introduzir ao universo das letras um ser abrutalhado e agressivo, de trato difícil dada a falta de inteligência e gosto, expõe o modo como o ideal estava sendo moldado: nada melhor que a mulher para agir como educadora, graças à sua natureza mais afeita às necessidades da prática educacional. O que Alencar corporifica por intermédio da personagem aparece como discurso na mesma época, reforçando o programa social que destina a mulher ao ensino por força de suas peculiaridades fisiológicas e emocionais. A conferência de Oliveira Belo, apresentada aos membros da Sociedade Partenon Literário, de Porto Alegre, e publicada na revista dessa instituição em janeiro de 1875, traduz ideário semelhante, sugerindo o paralelismo entre a descrição que apresenta

---

<sup>20</sup> Cf. LORETO, Barão de. "A instrução a cargo da União e da Municipalidade do Distrito Federal". In: OURO PRETO, Visconde de et alii. *Década republicana*. 2. edição revista e aumentada. Brasília: Editora da Universidade Nacional de Brasília; Instituto Nacional do Livro, 1986. V. 1.

<sup>21</sup> Cf. LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

do comportamento das crianças perante as professoras e a reação de Brás diante da atenção de Berta, no romance de José de Alencar:

Era mister, porém, descobrir quem ocuparia esse posto delicado do magistério, quem teria em si encanto e força para transformar a escola em lar doméstico e a instrução primária em carinhosa educação das inteligências infantis; não foi difícil resolver o problema, confiou-se a infância ao coração feminino, a mulher assumiu o berço do ensino, fez-se mãe-de-família da escola. (...)

Os resultados foram prodigiosos: as crianças, seduzidas pela natural ternura, pela instintiva atração que caracteriza o belo sexo, sentindo uma como afinidade entre as tendências do coração feminino e os próprios instintos, revendo na professora que as instruíra suas mães que as educavam, afluíram espontâneas à escola, e suas inteligências cultivadas pelo afago e solicitude das mestras desabrochavam rápidas como as flores do nosso país aquecidas pelos raios do sol dos trópicos.<sup>22</sup>

Um poema da juventude de Cruz e Souza, a "Saudação" ao Liceu de Artes e Ofícios, reproduz o parentesco proposto por Oliveira Belo entre a natureza materna atribuída à mulher e sua disponibilidade para o desempenho da função de professor. Graças a essa afinidade, propaga-se a ideologia que, de um lado, aceita o trabalho feminino e a profissionalização da mulher, porque, de outro, condena-a a um ofício que só é admitido por reforçar a dependência de quem a exerce à vida familiar e doméstica:

Mães, ó mães tão estremosas,  
dos vossos ventres fecundos  
saem todos esses mundos  
das idéias fulguosas.

Tudo isto quanto há escrito  
de pensamento e crenças  
saiu das fontes imensas  
de um grande amor infinito.

E desde a escrita à leitura  
e desde um livro a uma carta,  
a bondade sempre farta  
das mães - esplende e fulgura.

Bom dia ao mestre que é guia  
das belas crianças louras!  
Bom dia às mães porvindouras,  
à mocidade - Bom dia!<sup>23</sup>

<sup>22</sup> BELO, Oliveira. "A instrução e o século". *Revista do Partenon Literário*. Porto Alegre, Imprensa Literária, (1): 1 - 20, jan. 1875.

<sup>23</sup> SOUSA, Cruz e. *Poesia completa*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. p. 251.

Nem todas as professoras parecem corresponder a essa imagem idealizada. Não muito tempo depois de *Til*, Adolfo Caminha cria *A normalista*, de 1895, cuja protagonista, Maria do Carmo, transforma-se de menina ingênua em amante audaciosa durante o período em que frequenta a Escola Normal de sua terra, Fortaleza. A escola pode não ter sido a única responsável pela metamorfose da garota: seu padrinho, João da Mata, colabora bastante para isto, ao deflorá-la e engravidá-la, seduzido pela juventude e beleza da afilhada residente em sua casa. Mas a devassidão é suscitada igualmente pelas leituras a que é levada por Lídia, sua colega de aula e iniciadora à obra de Eça de Queiroz, cujo romance, *Primo Basílio*, incita-a a aventuras amorosas e gosto pelo sexo:

Uma vez ali, sentadas ambas num caixote que fora de sabão, única mobília do "banheiro", Maria sacou fora o *Primo Basílio* cuidadosamente embrulhado numa folha da *Província*. Queria que a Lídia explicasse uma passagem muito difusa, quase impenetrável à sua inteligência.

- É isto, menina, que eu não pude compreender bem. E, abrindo o livro leu: "... e ele (Basílio) quis-lhe ensinar então a verdadeira maneira de beber *champagne*. Talvez ela não soubesse! - Como é? perguntou Luiza tomando o copo. - Não é com o copo! Horror! Ninguém que se preza bebe *champagne* por um copo. O copo é bom para o Colares... Tomou um gole de *champagne* e num beijo passou-o para a boca dela. Luiza riu...", etc, etc.

- Como explicas tu isso?

- Tola! fez a Campelinho. Uma coisa tão simples... Toma-se um gole de *champagne* ou de outro qualquer líquido, junta-se boca à boca, assim... E juntou a ação às palavras.

- ... e pronto! bebe-se pela boca um do outro. Tão simples...<sup>24</sup>

Em direção similar, *Fräulein*, personagem de *Amar verbo intransitivo*, de Mário de Andrade, associa docência e sensualidade, como se o escritor estivesse discutindo pelo lado do avesso a ideologia paternalista que reunia numa única figura a mestra e a mãe, para justificar o exercício da profissão por uma mulher. Na versão de Mário, se ensinar é papel feminino, quem melhor que uma professora para introduzir um rapaz ao amor? Assim, Elza vem a fazer parte da tradicional família paulista Souza Costa para ministrar aulas de alemão e piano; e acaba desempenhando a função para a qual tinha sido contratada, a de cortesã que conduz o jovem Carlos à prática saudável do sexo.

Maria do Carmo e Elza talvez contradigam a imagem idealizada pelo patriciado brasileiro; mas não deixam de se comportar respectivamente

<sup>24</sup> CAMINHA, Adolfo. *A normalista*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1982. p. 25.

como estudantes e professoras, executando a função para a qual foram destinadas. Madalena, de *São Bernardo*, por sua vez, constrói-se a partir daquela imagem e termina por comprometer sua existência. Com efeito, a moça, pobre mas diplomada na Capital, que, por necessidades financeiras, vem a trabalhar no Interior, confia na sua profissão e, mesmo depois de casada, dedica-se às crianças que freqüentam a escola mantida pelo marido, Paulo Honório, em sua propriedade. Mas o ideal depara-se com a realidade nua e crua: ao contrário de Berta, ela não consegue domar a brutalidade do cônjuge, nem conquistá-lo para qualquer projeto de transformação; quando dá luz a uma criança, desinteressa-se do rebento, pois o matrimônio fracassara. Assim, Madalena não corresponde a nenhuma das duas facetas do ideal feminino, seja como mãe, permanecendo, conforme o narrador, Paulo Honório, indiferente ao filho, nem como mestra, abandonando as intenções iniciais que a levaram a São Bernardo.

Formada pela Escola Normal e adepta do Socialismo, ainda que de cunho utópico e desobrigado de militância, Madalena empenha-se em tarefas que a decepcionam e que, portanto, não se completam: não altera a visão autoritária do marido, não educa as crianças e opta pelo suicídio, sintoma de sua falha. O casamento, que deveria elevá-la, corrompe-a, e a moça não consegue dar conta das incumbências que a ideologia lhe incute, a de exercício pleno e duplo da maternidade e do ensino. Sem tirar partido das vantagens oferecidas pelas concessões ao sexo ou ao dinheiro, opções aceitas de algum modo por Maria do Carmo e Elza, Madalena vive seu fim de modo melancólico, deixando saudades no marido arrependido de sua violência, mas sem legar nenhuma lição ao universo em que viveu.

Todas as três apresentam algum vínculo com a literatura: Madalena é uma intelectual, condição que provoca reação desfavorável em Paulo Honório:

Não gosto de mulheres sabidas. Chamam-se intelectuais e são horríveis. Tenho visto algumas que recitam versos no teatro, fazem conferências e conduzem um marido ou coisa que o valha. (...)

(...) Aparecem nas cidades do interior, sorrindo, vendendo folhetos, discursos, etc. Provavelmente empestaram as capitais. Horríveis.<sup>25</sup>

Elza, da sua parte, admira a cultura alemã, de que é simultaneamente herdeira e representante, sonhando com o casamento futuro com um professor com quem entreterá eruditas conversações à noite, quando o marido, um "vulto ideal, esculpido com o pensamento de anos",

---

<sup>25</sup> RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 17. ed. São Paulo: Martins, 1972. p. 191.

"comprido magro... Apenas curvado pelo prolongamento dos estudos... Científicos,"<sup>26</sup> estiver voltando do trabalho.

Maria do Carmo dificilmente poderia participar desse paradigma ilustrado, mas não é leitora menos voraz. Eça de Queiroz consta entre suas preferências, antecedido por Alexandre Dumas e José de Alencar, cujas *A Dama das Camélias* e *Lucíola* respectivamente são referidas de modo desdenhoso pelo professor Berredo, admirador de Júlio Verne. Tal como no posterior *Abdias*, de Cyro dos Anjos, a leitura é apanágio dos mestres, que se elevam juntamente com o padrão dos livros e autores que admiram.

Assim, a triangulação professor(a) – escola – exercício do magistério passa por um mediador, a literatura, cuja qualidade determina o estímulo e o gosto pela leitura, interiorizando a obra que expressa esse tema a circulação a que aspira. É como se a ficção miniaturizasse seu processo de difusão, atribuindo aos educadores o papel de reforçar sua função e divulgação na sociedade. Ocorre que nem sempre os encarregados de executar essa tarefa, os mestres ficcionalmente representados, constituem seres propriamente capazes, frustrando os resultados ao falharem existencialmente.

Duas alternativas parecem se apresentar, quando se trata de criar agentes de ensino capazes de chegar ao cumprimento de seu encargo: uma delas, opção escolhida por José de Alencar e Cyro dos Anjos, corresponde à anulação da sexualidade – afinal, Berta e Abdias reprimem seus interesses amorosos em nome do trabalho que elegem, ao contrário das citadas Maria do Carmo, Elza e Madalena, que, cada uma a seu modo, se deixam arrastar por facetas da paixão. A outra determina igualmente um corte, menos doloroso talvez, simultaneamente mais original: seu autor é Monteiro Lobato que, com o Sítio do Picapau Amarelo, propõe a abolição da escola, realizando-se a aprendizagem em espaço alternativo.

Quando Monteiro Lobato escreveu *A menina do Narizinho Arrebitado*, em 1921, ele já tinha em vista a circulação de seu livro na escola, tanto que a obra apresenta, no mesmo ano, tiragens diferentes, uma mais barata, que atingiu cinquenta mil volumes e foi adquirida pelo Governo do Estado de São Paulo, para distribuição em sala de aula, e outra mais luxuosa, objeto de anúncio em lugar apropriado na imprensa e destinada ao público em geral. Mas o escritor não ficou só nisso: enquanto avança a saga de seus heróis, residentes no Sítio do Picapau Amarelo, sob a administração madura de Dona Benta, avó de Pedrinho e Narizinho, patroa de Tia Nastácia e responsável pelos bonecos Emília e Visconde de Sabugosa, aumenta o número de títulos confundidos a matérias escolares:

---

<sup>26</sup> ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo*. 8. ed. São Paulo: Martins; Belo Horizonte, Itatiaia, 1980. p. 10.

*Geografia de Dona Benta, Aritmética de Emília, Emília no país da Gramática, História das invenções* são alguns deles. Nesses livros, bem como nas adaptações dos clássicos patrocinadas pela proprietária do Sítio, a saber, *D. Quixote das crianças* ou *Peter Pan*, o processo de produção do texto se assemelha: a velha informa-se a respeito do tema, que depois repassa às crianças; essas, por sua vez, recebem o conteúdo transmitido pela voz da avó, mas interferem, opinam, retrucam e, quando a situação se apresenta, propõem soluções alternativas. *Fábulas*, obra apoiada nas narrativas compiladas por La Fontaine, é exemplar: o relato se apropria do texto alheio, mas não se submete a ele, discutindo permanentemente a validade dos temas e da moralidade que cada história expõe.

Ao estimular o interesse dos ouvintes, auditório composto pela população moradora no Sítio, D. Benta não contradiz o modelo sintetizado por Berta ou Abdias, cujo ponto de partida depende da resposta favorável dos destinatários. Mas vai adiante: inclui a ação deles, interagindo com o grupo que, se desafia o crédito a ser atribuído às noções manifestadas pela fala da avó, não contesta a autoridade que o conhecimento adquirido confere àquela senhora. Estabelece-se, pois, uma simetria entre os participantes, que gradativamente diminui a assimetria entre os saberes que cada um possui, em decorrência da generosa transmissão verbal de uma para os outros.

A passagem se faz de modo oral, sem o que a igualdade não se estabeleceria. Seu suporte, contudo, é o livro impresso: a escrita simula a fala, camuflando sua origem e escondendo-se sob a máscara da audição. Este é, provavelmente, o truque mais bem sucedido de Lobato: o texto, produto da escrita e matéria de leitura, faz de conta que é dito, enquanto o leitor acredita estar ouvindo; da mesma maneira, ele pensa estar no Sítio, quando, efetivamente, encontra-se numa forma de escola. Como resultado, vai sendo paulatinamente ensinado, fruto da mímese bem acabada, ao mesmo tempo, porém, dissimulada, do modelo pedagógico.

Graças ao êxito desse procedimento, Monteiro Lobato formula seu ideal de professora, traduzido por Dona Benta, que leciona de modo democrático, mas, pela mesma razão, não pode revelar a identidade de seu projeto educacional. Mestre de qualidade, ela é igualmente boa e contumaz leitora, habituada às melhores obras e permanentemente atualizada, fazendo os picapauzinhos cúmplices de sua prática cultural. Para dar certo, contudo, compete-lhe mascarar seus atributos: nada pode revelar a verdadeira face, para não perder o encanto – nem o texto se declarar leitura, nem o espaço se confessar sala de aula.

A fantasia, desencadeada pelo universo ficcional, faculta o exercício da farsa: numa obra literária, um serão substitui a aula, alunos e

professora se dizem uma família, e a discussão evidencia-se por meio da troca de travessões indicativos do diálogo e do revezamento dos interlocutores. O fingimento é atributo do poeta, conforme afirma Fernando Pessoa, em conhecido verso, o que legitima a prática; mas, em princípio, não se supõe que o professor aja da mesma maneira. A não ser que aceitemos a ambigüidade de sua condição, bem como da escola: para convencer e apresentar-se de modo eficiente, eles precisam se disfarçar.

Talvez a razão para o caráter dúbio da escola e da atividade docente advenha do fato de que nem a instituição, nem seu principal emissário podem admitir publicamente sua finalidade: se atuarem de modo conservador e conformista, apresentar-se-ão na situação de expediente para ajustar o indivíduo ao projeto ideológico da classe dominante, conforme denunciam pensadores marxistas; se adotarem perfil revolucionário, criarão embaraços para o sistema, atraindo a reação negativa dos responsáveis pela ordem e funcionamento da sociedade. Assim, a educação oscila entre dois princípios, sem conseguir harmonizá-los, nem suplantá-los, denunciando-se ao fim e ao cabo como instrumento não confiável, indigno talvez da expectativa colocada nele.

Provavelmente decorra desse aspecto a perene suspeita que pesa sobre a cabeça dos professores, sobretudo quando configuradas em professoras, mulheres que pendem entre a condição feminina, marcada pela sexualidade, e o atributo idealista, que neutraliza sua natureza fisiológica e humana. A imagem de uma mestra trambiqueira, que vai em busca de sua própria história tão-somente para entendê-la e aceitá-la, talvez sintetize a procura de uma identidade definitiva, mas não final, para uma categoria que se divide entre muitos apelos, a que responde, mas que nem sempre tem meios de atender. Ler essa história talvez leve à sua compreensão e, com isso, à superação dos impasses que assolam uma classe que ainda desconhece seu destino, porque não assimilou seu passado.

Regina Zilberman é doutora em Romanística pela Universidade Heidelberg. Autora de vários livros: *A leitura rarefeita: livro e literatura no Brasil*; *A formação da leitura no Brasil*; *O preço da leitura no Brasil*, todos em conjunto com M. Lanjolo. Publicou ainda *A literatura infantil no Brasil*.

Recebido em: 05/06/2003.

Aceito em: 15/10/2003.